

Hawkes, Gail. A Sociology of Sex and Sexuality Chapter 1 The specialness of sex, p 5-16, Buckingham/Philadelphia: Open University Press, 1999.

Tradução: Elisabeth Meloni Vieira

As peculiaridades do sexo

Na ocasião de minha primeira entrevista como professora os candidatos foram solicitados a apresentar um programa prévio de um curso adicional que gostariam de lecionar. Para cumprir este requerimento apresentei um curso intitulado “A sociologia do sexo e da sexualidade”. Embora este representasse um componente pequeno de meu perfil geral como professora, a maioria do tempo da entrevista foi devotada às perguntas da banca sobre as dificuldades de um curso sobre sexo. Algumas perguntas típicas foram feitas: “Você antevê problemas em falar sobre sexo para um grupo misto?” “Não haveria problemas de timidez para alguns dos estudantes mais jovens?”, demonstrando a ênfase na natureza problemática de falar sobre sexo.

De forma similar a Conferência da British Sexuality Association, lidando pela primeira vez especificamente com sexo e sexualidade, atraiu uma atenção da mídia sem precedentes, que variou do trivial ao ridículo. Mais recentemente ainda, uma campanha nacional, utilizando outdoors que continham a palavra sexo, escrita em letras fluorescentes de dois metros de altura foi interrompida depois de queixas oficiais e do público. O argumento utilizado foi que causaria acidentes de trânsito! Estas pequenas histórias acontecidas em um curto espaço de tempo refletem e reforçam o sentido “especial” do sexo-uma combinação de ansiedade e fascinação que não se apóia em seu impacto na realidade material, mas a qual reside e é perpetuada através de uma coleção de idéias compartilhadas.

A dualidade do social e do individual em sexo pode ser ilustrada na combinação da moralidade sexual. Um ato imoral é quase sempre invariavelmente um ato sexual, imoralidades na palavra escritas, no cinema, nas imagens visuais são de forma semelhante predominantemente definida em termos de conteúdo sexual. Existe um reconhecimento imediato que sexo mesmo ao nível corriqueiro como das histórias relatadas acima, tem um significado que é profundamente social, independentemente se este se manifesta positivamente ou negativamente.

A distinção entre significado social positivo ou negativo não é linear, e freqüentemente é contraditório. Na companhia de jovens, particularmente em um contexto caracterizado por um

desequilíbrio de poder social, falar sobre sexo pode ser difícil e embaraçoso, mesmo quando sancionado oficialmente, como no caso da educação sexual. Mesmo em outros contextos, menos imediatamente relevantes, sexo tornou-se quase um motivo obrigatório nas representações da nossa vida diária. O que comemos e bebemos, a nossa apresentação através de roupas, maquiagem e mesmo os carros que decidimos dirigir.

Nos discursos médicos aquilo que fazemos sexualmente está crescentemente sendo dissecado, explorado, falado de tal forma que o “bom sexo” está se tornando sinônimo de boa saúde. Nos meios populares as discussões sobre sexo foram trazidas para as primeiras páginas das revistas mensais (junto com as crônicas de consumo e estilos de vida).

Os atuais descendentes dos sexólogos, especialistas em sexo, florescem em simbiose com estas bíblias de estilo de vida, onde dos estúdios de TV, vídeos e manuais de autoajuda a mensagem é apresentada e reforçada. Sexo é “natural” e, portanto, “saudável”. Através do bom sexo nós experimentamos prazer e expressamos a nossa individualidade. Bom sexo é o princípio básico para obter e manter seu homem (ou sua mulher), enquanto simultaneamente a nossa habilidade para oferecer ‘bom sexo’ é um indicador do nosso direito de ser sócio do mundo do sucesso. Então, existe sexo e sexo: por um lado uma fonte de medo e vergonha; por outro uma fonte de infinita felicidade e realização. Distinções são feitas somente através do contexto nos quais os discursos emergem; a positividade e a negatividade do sexo seja ele promovido ou desencorajado é deixado na maioria das vezes implícito. Esta ‘repressão’ não é uma estratégia conspiratória consciente imposta por um regime policial. Sua efetividade deriva da presença de que assumimos noções pré-concebidas que seriam triviais em qualquer inquérito sociológico. Primeiro, que o desejo sexual é uma característica fundamental humana, como sede ou fome, e que devido a este seu status fundamental ele é potencialmente problemático. Mal dirigido ou sendo livremente permitida, esta característica humana primária, diferentemente da sede ou, em menor extensão da fome, carrega com ela um sentido de uma descontrolabilidade latente. Segundo, este consenso, mesmo ao nível inconsciente torna aceitável, e mesmo desejável, que expressões do desejo sexual sejam submetidas às regulações e proibições a graus que não seriam toleráveis em relação, por exemplo, aos nossos hábitos alimentares. Terceiro, os medos e ansiedades sobre a latência negativa da sexualidade pode ser aliviada pela presença da expressão “normal” e oficialmente sancionada do desejo sexual: a heterossexualidade; expressões estas que são monitoradas dentro de um discurso que focaliza atos e resultados ao invés de sentimentos. Além do mais, ao lado destas menos potencialmente

negativas trivialidades, existem outras que operam para aliviar o senso de perseguição e pessimismo. A despeito ainda do presente bolsão de ansiedade, de maneira geral existe um sentido que tem sido e continua a ser um relaxamento das velhas atitudes, que enfatiza os perigos, individuais ou sociais, do desejo sexual. As características que previamente marcaram a falta de regras do desejo sexual-epitomizada nas noções modernas de normal e perverso-estão aumentando e aprovadamente mobilizadas como índices de individualidade e escolha.

A resposta inicial de um sociólogo para esta visão geral do sexo em nossa sociedade pode ser a seguinte: que sexo é ao mesmo tempo um ato individual de intimidade e de significado social, e que estas assunções implícitas e o quadro contraditório que elas abarcam levanta uma curiosidade não apenas histórica, mas também sociológica. Nós entendemos a noção de mudança como um processo linear, como um constante movimento para frente descartando neste momento todo vestígio indesejado do passado? Se o conteúdo de falar sobre sexo mudou (de sexo como o grande perigo para sexo como o grande prazer), de que forma (mudou a natureza problemática da sexualidade)? Perguntas mais detalhadas e empíricas seguem-se: Como nós sabemos o que sabemos sobre sexo? Como os especialistas tornaram-se especialistas? O que poderia uma dimensão histórica nos dizer sobre a priorização de alguns conhecimentos sobre outros? Tal ceticismo leva para uma mais detalhada exploração de assunções de senso comum.

Palavras e significados

Um ponto de partida fundamental deveria ser voltar nosso olhar para as palavras sexo e sexualidade. Estas são usadas numa confusa variedade de contextos e com uma facilidade que nos sugere que seus sentidos são fixos, compartilhados e sem problemas. Mas uma pausa para reflexão nos sugere ao contrário. Sexo biológico está alocado pela posse de marcadores físicos e fisiológicos: externamente, a genitália, pênis, testículos, vagina, clitóris; internamente, o útero, ovários, canal deferente, glândula prostática. Componentes não macroscópicos como cromossomos e hormônios, fornecem suporte bioquímico para essas categorias. Mesmo os sentidos dados para estas distinções anatômicas têm origem social.

Em um fascinante e meticuloso relato, Thomas Lacquer (1990) mapeia o contexto social nos quais estas categorias emergiram e o que elas substituíram. O modelo de dois sexos da humanidade, definidas pelos indicadores listados acima, é, falando historicamente, recente. No período medieval, a autodefinição como homem ou mulher não consistia na posse de pênis ou vagina. Isto não significa, claro, que as características físicas externas eram ignoradas. Desde os

esforços mais precoces para representar a nossa humanidade, as variações genitais entre indivíduos eram registradas. Estas, entretanto, não eram traduzidas em diferenças de gênero mutuamente exclusivas. Havia apenas um sexo (o protótipo de agora definido como homem) e as visíveis diferenças nas manifestações deste sexo único, enquanto significante, não constituía a base para um sexo oposto. Os órgãos sexuais de toda a humanidade possuíam os mesmos constituintes fundamentais. Em metade da humanidade estes órgãos eram internos e em outra metade eram externos. A falta de externalidade dos órgãos sexuais femininos não indicava que houvesse diferença, mas sim que havia incompletude. A distinção entre completude e incompletude carrega um significado da importância social da equidade. Enquanto havia óbvias limitações para tal ampla visão da relatividade histórica, não menos devido às questões que ela levanta sobre o significado e intersecção de um relativismo cultural e histórico, a relevância do ponto central feito por Lacquer permanece. A noção de que existem dois sexos, de polaridades opostas, é de origem histórica recente, e o significado social e político da diferença sexual tem sua origem no social e não no natural. O trabalho de Lacquer contribui igualmente para a problematização de uma distinção entre os entendimentos do 'natural' e do 'socialmente construído'-o que não estão em oposição um com outro, mas tem uma relação derivada entre a concepção de ambos. Este trabalho sugere que uma dada trajetória diferente da construção social do conhecimento científico, a natureza opositiva do sexo biológico poderia não ter prevalecido.

Mas agora temos as conexões feitas, conexões que são de tal importância, entre a posse de determinado órgão-os quais, como a fisiologia humana irá ilustrar, compartilham respostas similares características-e expressões do desejo sexual? Para as ansiedades ou celebrações que acompanham as atitudes sociais em relação ao sexo e sexualidade, não tem como seu centro as qualidades intrínsecas das partes corporais, mas seu uso efetivo em expressões de desejo sexual. Embora tais expressões não possam, na visão do senso comum, mesmo na escrita de alguns acadêmicos, serem vistas como sinônimo de sexualidade. Para que sexualidade fosse simplesmente definida e entendida como modo de expressão do desejo sexual, então a ampla conexão, ainda intacta, entre sexo e gênero se separaria e o os alicerces da sexualidade no comportamento sozinho seria desafiado. Tem sido sugerido que a sexualidade é uma "unidade de ficção... uma invenção da mente humana" (Weeks 1986: 15) e um termo de concepção e sistematização, específico e histórico" (Heath 1982:11). Tais representações nos alertam para o elemento socialmente construído no conceito de sexualidade-

que sexualidade não é um algo místico dado, o resultado de um script biológico. Embora o guarda-chuva do construcionismo social possa nos confundir se deixado não desenvolvido, além de colocar-se como um desafio para o determinismo biológico. Um entendimento da sexualidade, simplesmente como uma ficção, deixa inexplorados os parâmetros deste conceito e o processo pelo qual este se constitui. As categorias de hetero e homossexualidade são ilustrativas deste modo de pensar, que afia e modela os desejos polimorfos em categorias fixas, que têm seus pontos de referências em atos físicos que definem identidades sexuais individuais. Assim sexualidade é ambos uma ficção e uma realidade, uma criação artificial e uma experiência vivida.

O que está em questão aqui não é então aquilo que constitui ou não a sexualidade, mas como nós fazemos sentido de seus constituintes atribuídos? Para descrever algum fenômeno social como 'uma construção social' é dar um nome para um ponto final. O que é necessário é detalhar e coerentemente relatar como chegamos a este ponto, o que e quem estavam envolvidos neste processo e o porquê.

Tem sido apontado em um grande número de textos e discussões que a sexualidade é um produto do século XIX. Este argumento é sustentável se entendemos sexualidade como também o que alguém faz fisicamente com os seus genitais e com o do outro, ou assim como uma identidade escolhida ou designada, definida através e por uma variedade de possíveis significados-roupas, maneirismos, estilo de vida, escolha de objeto erótico-interpretado e iluminado não fisicamente, mas psicologicamente. É significativo que a palavra sexualidade tenha primeiro surgido no século XIX, assim como o é o fato de que ela emergiu e representou uma forma de pensar sobre sexo que fez possível colocar todas as complexidades do comportamento erótico sob um vasto guarda-chuva. O termo, em outras palavras, exprimiu o cerne da idéia: que sexualidade era alguma coisa que você tinha, alguma coisa quase tangível, que tinha uma forma e uma fronteira definida. Além disso, o conceito e seu desdobramento refletiram o foco de preocupação sobre as conseqüências sociais do desejo sexual no contexto da modernidade. De forma similar, o uso da palavra sexo tem sido moldado conjuntamente com o uso da palavra sexualidade. A limitação da palavra dos genitais e dos genitais sozinhos, encapsulados na noção de "ter sexo", é coerente com os discursos positivistas da modernidade. "Ter sexo", neste contexto, é a organização racional do desejo sexual na conjunção dos genitais para um dado resultado-a reprodução e o prazer ordenado. Mas na persistência das ansiedades existe a sugestão de sentidos mais amplos associados com a noção de "ter sexo". O que nós

temos é, além de ser uma experiência de conjunção genital com um propósito, é também uma experiência sensual individual, com maior ou menor grau de envolvimento afetivo. É isto que é o mais interessante e persistente e será argumentado, o mais problemático elemento na construção das idéias e dos sentidos do sexo e da sexualidade.

Referências Bibliográficas

Lacquer, T. (1990) Making Sex: Body and Gender from the Greeks to Freud. Cambridge, MA: Harvad University Press.

Heath, S. (1982) The sexual Fix. London: Macmillan.

Weeks, J. (1986) Sexuality. London: Tavistock

1.2 A problematização do sexo: prazeres positivos

Podemos esculpir e re-moldar o equipamento físico externo de nosso sexo e ordenar ou re dirigir a escolha o objeto e sua aparência, maneirismos e estilo de vida. Em outras palavras, podemos lidar com as manifestações externas de nossa sexualidade. Mesmo um mercado totalmente livre em “ter sexo” neste sentido amplo é uma proposição perigosa. A capacidade de explorar e ampliar as fronteiras da nossa capacidade sensual, com a escolha consciente sobre a opcionalidade de extras emocionais, ou a reordenação da primazia erótica é uma noção profundamente revolucionária. O uso da palavra sexo no sentido biológico oculta a experiência de nosso potencial para exercitar aqueles elementos da nossa humanidade os quais são temidos e estão além do alcance daquilo que Foucault (1977) chamou de ‘poder disciplinador’. Os usos da noção de perigo e medo associado são deliberados, pois apontam para o conjunto de idéias sobre esta capacidade humana que possuem uma longa história, mas as quais não são articuladas abertamente. A idéia de que sexo seja especial tem, como se tem discutido, a ver com estas idéias articuladas e encobertas sobre o comportamento humano. Esta especificidade (ou particularidade do sexo) sugere um processo pelo qual estas capacidades têm sido reconhecidas e dadas a uma forma particular através de expressões de ansiedade sobre as conseqüências deste mercado livre. Isto deve ser enfatizado e continuará a ser enfatizado, já que aquilo que está sob esta noção não é um argumento para a existência de alguma capacidade humana essencial, uma visão que sustenta muito do “direcionamento” da teoria da sexualidade. O que tem sido sugerido é que certas idéias sobre sexo e sexualidade têm uma longa história. Embora os termos que têm sido usados refletem o meio social e cultural nos quais foram articulados, existem temas comuns que nos remetem de volta à antiguidade. Estes temas comuns desenvolveram uma força particular sob a influência do Cristianismo Ocidental, onde as origens de muitas idéias ainda atuais hoje podem ser localizadas, e onde, em particular, muitas características de uma sexualidade moderna podem ser localizadas.

Na imaginação popular, ver sexo como um problema era um fenômeno do século XIX. Imagens de um severo *pater familias* de sobre-casaca e de uma jovem desfalecida co-existem com as figuras Dicksonianas das mulheres caídas em um beco escuro, vítimas de homens corruptos e exploradores de sua sexualidade. Estas imagens foram, então, e permanecem agora como valores ideológicos poderosos. Ambas transmitem e reforçam o peculiar significado moral do sexo por um lado, enquanto enfatizam, por outro, o grau ao qual a liberalização sexual tem ocorrido.